

CRESCIMENTO SEM EMPREGO

Os números apontam para uma pequena retomada da economia. Mas que ainda está longe de pôr fim à agonia do desemprego

Sheila D'Amorim,
Regina Pires e
Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

A passos de tartaruga a economia brasileira volta a crescer, apontam os indicadores econômicos. As últimas estatísticas da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) referentes a julho mostram um desempenho positivo da indústria em relação ao mês anterior. As vendas reais aumentaram 8,05%. Mas, nas ruas, o desemprego continua. "O emprego apresentou uma queda menor", tentam suavizar empresários.

Em alguns estados, como São Paulo e no Distrito Federal, os índices de desemprego até caíram alguns pontos percentuais. Mais em função da diminuição da população que pressiona o mercado de trabalho do que pelo surgimento de novas vagas para a mão-de-obra ociosa.

A secretária Aline Cunha Corazza, 28 anos, está desempregada há um ano. Gastava, em média, R\$ 10 com passagem, cópias de currículo, envelopes e comida a cada dia que saía de casa para procurar emprego. Há mais de um mês, desistiu de bater de porta em porta porque descobriu que estava grávida. Para as pesquisas, Aline não é mais desempregada. Assim acontece com a parcela

da População Economicamente Ativa (PEA) que está fora do mercado de trabalho, mas que, nos 30 dias anteriores aos levantamentos, deixou de procurar emprego. Nas estatísticas do IBGE são considerados apenas os sete dias anteriores ao da pesquisa.

"Essas pessoas são consideradas inativas", explica Júlio Miragaya, gerente da base de dados da Companhia de Desenvolvimento do Plano Central (Codeplan). A última pesquisa da Codeplan apresentou redução na taxa de desemprego no Distrito Federal, que passou de 18,1% para 17,8% entre junho e julho. "Nesse mês, a PEA diminuiu em 7.200 pessoas", explica Miragaya. Para ele, um mês de redução na taxa de desemprego não é suficiente para se afirmar que há retomada do crescimento. "Isso precisa ser registrado por pelo menos três meses consecutivos", defende.

O número de pessoas sem ocupação caiu de 5,92% em junho para 5,58% em julho. Essa mudança está ligada à saída de 88 mil pessoas do mercado de trabalho. "A população economicamente ativa (PEA) caiu de 17.305.477 para 17.217.220, uma queda de 1,2%. É um pouco natural que ocorra esta retração em julho, pois é uma época específica do ano", comenta Shirlene Ramos, coordenadora de Análise Conjuntural do IBGE, responsável pelos da-

Paulo Whitaker 25.06.96



A participação de máquinas industriais entre os itens das importações é um indicador do crescimento da economia

dos apurados em seis regiões metropolitanas do país.

Em julho houve uma diminuição de 38.394 de trabalhadores com carteira assinada. Exatamente 3.780 autônomos deixaram de atuar por conta própria. Foi registrado uma baixa de 14.464 empregadores. Os empregados sem carteira registrada

aumentaram em 52.659 pessoas. "O desemprego seria maior se não tivesse ocorrido esse acréscimo", diz ela.

RECUPERAÇÃO

Para o economista da CNI, Flávio Castello Branco, a recuperação da economia tem sido consistente des-

de setembro do ano passado. Ele explica que o crescimento acontece por dois meses e fica retraiado por igual período. "É um sinal de que não se trata de sazonalidade, mas de uma tendência clara de comportamento da economia."

"O que se tem hoje é uma economia especializada, pouco voltada

para a criação de emprego", ressalta Márcio Pochmann, professor do Instituto de Economia da Universidade de Campinas. Segundo ele, os investimentos estão sendo feitos em sua maioria de uma forma racionalizada com o objetivo de modernizar o parque produtivo. "A indústria automobilística aumentou em 30% a produção de automóveis, nos últimos meses, sem criar nenhum emprego", lembrou Pochmann.

O presidente do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (-Ipea), Fernando Rezende, admite que a economia passa por uma fase de transição, na qual os investimentos privilegiam a evolução tecnológica. Mas isso não significa que num segundo momento não haverá aumento da oferta de emprego. "O emprego depende do crescimento da economia. Só há essa saída", afirma.

Em contraposição a empresários nacionais, o economista da Universidade Paris Dauphine, da França, Bruno Theret, que esta semana participou de um seminário sobre políticas liberais, em Brasília, é cético em relação às possibilidades de crescimento econômico do Brasil.

O modelo econômico adotado para combater a inflação é recessivo, em função da taxa de juros altas, do engessamento da política de câmbio e de crédito. "O resultado desse modelo é queda nas taxas de crescimento da economia e aumento do desemprego". O método, lembra, é adotado não só nos países latino-americanos para combater a hiperinflação, mas no mundo inteiro, quando há necessidade de combater alta de preços.